

JORNAL DO CLIENTE



FEEB
FEDERAÇÃO DOS BANCÁRIOS
DOS ESTADOS DA BAHIA E SERGIPE

CTB
Centro dos Trabalhadores do Brasil

Publicação especial da Federação dos Bancários dos Estados da Bahia e Sergipe - Nº 2 - Outubro de 2015

Acordo só com aumento real



**EXPLORAÇÃO
NÃO TEM
PERDÃO**

**MOBILIZAR
É A SOLUÇÃO**
CAMPANHA NACIONAL
DOS BANCÁRIOS 2015

Proposta rebaixada leva bancários à greve

Depois de cinco rodadas de negociação, os bancários foram surpreendidos no último dia 25 de setembro com a proposta da Federação Nacional dos Bancos - Fenaban de 5,5% de reajuste, mais abono de R\$ 2.500. A proposição frustrou os trabalhadores, pois é menor que a do ano passado e não recompõe a inflação do período, que foi de 9,88%, muito menos agrega aumento real aos salários. Diante da proposta rebaixada, os trabalhadores decidiram por paralisar as atividades a partir do dia 6 de outubro, em todo o país.

A greve foi a única forma que a categoria encontrou para vencer a intransigência dos bancos, que mesmo sendo o setor mais lucrativo da economia continua se negando a conceder um reajuste justo e melhorar as condições de trabalho dos funcionários.

“Não há argumentos para a proposta rebaixada dos bancos. Só no primeiro semestre de 2015, os lucros dos cinco maiores bancos em atuação no país – Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Caixa e Santander – somaram mais de R\$ 36 bilhões

de reais, um crescimento médio de mais de 27% em comparação ao mesmo período do ano passado. Os bancários são os principais responsáveis por este resultado e merecem reconhecimento pelo seu trabalho. A proposta de abono também é um retrocesso, pois não é incorporado ao salário”, ressaltou o presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe, Emanoel Souza.

Reivindicações

Com data base em 1º de setembro, os bancários reivin-

diam 16% de reajuste, que inclui reposição da inflação mais 5,7% de aumento real; melhoria na participação nos lucros e resultados, no vale refeição, auxílio creche e educação; fim das metas abusivas, do assédio moral e da discriminação; mais segurança, garantia de emprego e melhores condições de trabalho.

A pauta completa foi entregue no dia 11 de agosto à Fenaban, que apresentou apenas uma proposta rebaixada de reajuste e disse não a todas as cláusulas sociais.

Clientes sofrem com tarifas e juros altos

Os funcionários não são as únicas vítimas da ganância dos banqueiros, os clientes também pagam um preço alto por esta postura. Para começar, ter uma conta bancária no Brasil é muito caro. Segundo um levantamento da Associação de Defesa do Consumidor Proteste, os valores das tarifas cobradas pelos oito maiores bancos no Brasil subiram até 169% nos últimos três anos, um índice 8,6 vezes maior que a inflação acumulada no período.

São tarifas para manutenção das contas, taxas para serviços avulsos e muitas outras cobranças que nem sempre são notadas pelo cliente, mas que rendem milhões de reais todos os meses para as instituições financeiras, o suficiente para cobrir todo o gasto com o pagamento dos funcionários e ainda sobrar um pouquinho.

Apesar disso, o serviço oferecido pelos bancos deixa muito a desejar. Além de enfrentar longas filas e demora no atendimento, a cada dia que passa



As longas filas são reflexos da precarização dos serviços prestados à população em todo país, apesar das altas tarifas

os clientes estão sendo empurrados para fora das agências, sendo instruídos a utilizar os serviços das casas lotéricas, correspondentes bancários e outras formas de atendimentos alternativos. Tudo isso para cortar os custos com a contratação de funcionários, que poderiam fazer as transações de forma mais eficiente

e diminuir os riscos de erros nos procedimentos. Riscos estes, que são transferidos para o usuário.

Contra os clientes pesam também as altas taxas de juros cobradas nos empréstimos, financiamentos e outras formas de crédito bancário. Segundo dados do Banco Central, a taxa média cobrada pelos bancos no

empréstimo pessoal ficou em 120,9% ao ano em agosto. Pior ainda, é o juro do cheque especial que atingiu 253,2% ao ano e o das operações com cartão de crédito rotativo, que chegou à marca de 403,5% ao ano no mês passado.

Com tantos lucros, não há porque oferecer apenas 5,5% de reajuste aos bancários.

Bancos demitem e precarizam o atendimento



Número reduzido de bancários prejudica o atendimento nas agências

Ao contrário do que muita gente pensa, o trabalho nos bancos é altamente estressante. Pressão pelo cumprimento de metas, pelo atendimento a

um grande número de clientes, cobranças pela venda de serviços e assédio moral constante é parte da rotina diária dos bancários. O resultado se

expressa em uma categoria com altos índices de doenças ocupacionais e psicológicas, frutos da política de corte de pessoal praticada pelos bancos.

Mesmo com os lucros bilionários, o setor continua demitindo e precarizando as condições de trabalho. De janeiro a julho de 2015, as instituições financeiras fecharam 5.864 postos de trabalho no país, segundo dados do Ministério do Trabalho. Além do corte de vagas, a rotatividade continuou alta, com a dispensa de funcionários experientes e a contratação de jovens que ganham salários menores.

O reflexo desta política é sentido pelos clientes, que enfrentam longas filas nas agências e são atendidos por trabalhadores estressados e adoecidos.

A luta dos bancários é para mudar esta situação. Entre as principais reivindicações da campanha salarial da categoria estão o fim das demissões, mais contratações, fim da rotatividade, combate às terceirizações e melhoria nas condições de trabalho.

Até o momento os bancos não responderam a estas demandas.